

# Historia:

Espaços,  
poder,  
cultura e  
sociedade



**Denise Pereira  
(Organizadora)**

**Atena**  
Editora

Ano 2021

# Historia:

Espaços,  
poder,  
cultura e  
sociedade



**Denise Pereira**  
(Organizadora)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes editoriais**

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## História: espaços, poder, cultura e sociedade

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Denise Pereira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: espaços, poder, cultura e sociedade / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-438-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.389212608>

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Título.  
CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

O e-book “*História: Espaços, poder, cultura e sociedade*” proporciona um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Tais como olhar a história sob a ótica de espaços de poder e da diversidade cultural dentro de uma sociedade global.

A sociedade que se delimita através dos enfoques e das interpretações do historiador, e que pressupões a perspectiva a partir da qual eles são traçados, sem que haja distinção relevante entre o campo específico do conhecimento que se constitui e o sujeito que conhece. Concebida assim, a partir dessa definição do campo social, a sociedade, que se pretende investigar pela ótica da historiografia, pressupões a especificidade do jogo de relações e posições que conduzem à configuração política e cultural, inscrita na experiência dos sujeitos, incluindo a dos próprios pesquisadores.

Ao mesmo tempo devemos compreender, que por meio de uma nova sociedade, ou seja, uma sociedade globalizada ampliou-se as facilidades de comunicação e, conseqüentemente, a transmissão dos valores culturais, transformações das configurações da economia, da política, da educação, principalmente dos percursos da história.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte. Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Espero que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

UMA REFLEXÃO SOBRE AS FACES DO TRABALHO NA AMAZÔNIA E SEUS SIGNIFICADOS NO CONTEXTO DOS BOIS-BUMBÁS DE PARINTINS

Deilson do Carmo Trindade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126081>

### **CAPÍTULO 2..... 14**

DESIGNAÇÃO ELETIVA E CARREIRAS POLÍTICO-RELIGIOSAS NO PRIMEIRO REINADO

Joelma Santos da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126082>

### **CAPÍTULO 3..... 23**

SÃO PAULO – UMA CIDADE NO PROCESSO DE SEGREGAÇÃO SOCIOCULTURAL E URBANÍSTICO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Robson Roberto da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126083>

### **CAPÍTULO 4..... 37**

INHOTIM: UM RETRATO NA PAREDE?

Webert Fernandes de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126084>

### **CAPÍTULO 5..... 51**

ANÁLISIS ESPACIO TEMPORAL DE CAMBIOS DE USO Y COBERTURA DE LA TIERRA EN LA CIUDAD DE MOQUEGUA Y EL PUEBLO DE SAMEGUA DE 1955 Y 2018

Osmar Cuentas Toledo

Maryluz Cuentas Toledo

Marco Alexis Vera Zúñiga

Maribel Pacheco Centeno

Bedoya Justo Edgar Virgilio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126085>

### **CAPÍTULO 6..... 64**

O ESPORTE E AS NARRATIVAS SOBRE A NAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS ESPORTIVAS DE JUCA KFOURI

Euclides de Freitas Couto

Alan Castellano Valente

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126086>

### **CAPÍTULO 7..... 76**

“ZUMBI” PARA A GESTÃO DA FUNDAÇÃO PALMARES NO GOVERNO BOLSONARO

Andréia de Fátima de Souza Dembiski

Lucas Guerra da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126087>

**CAPÍTULO 8..... 87**

FUTEBOL E RESISTÊNCIA: O PAPEL DOS COLETIVOS DE TORCEDORES NA RESSIGNIFICAÇÃO DOS MODOS DE TORCER (2013-2018)

Guilherme Pontes Silveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126088>

**CAPÍTULO 9..... 100**

LIMBO BRASILEIRO: A CRIAÇÃO DA IMAGEM DAS *ESCOLAS PRÁTICAS DE AGRICULTURA* PELO *CORREIO PAULISTANO*

Nicole Naomi Handa Nomura

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126089>

**CAPÍTULO 10..... 107**

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O MUSEU: A ARTICULAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Cristiane Bartz de Ávila

Ângela Mara Bento Ribeiro

Maria de Fátima Bento Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260810>

**CAPÍTULO 11..... 118**

PATRIMÔNIO CULTURAL E SEGUNDA ESCRAVIDÃO: HISTÓRIA E MEMÓRIA DO VALE DO CAFÉ

Luana da Silva Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260811>

**CAPÍTULO 12..... 134**

MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E IDENTIDADE NOS QUILOMBOS DO RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS PARÁ

João Marinho da Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260812>

**CAPÍTULO 13..... 149**

FAO: EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL NA AMÉRICA LATINA

Dayane Santos Silva

Lucas Santos Macedo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260813>

**CAPÍTULO 14..... 158**

OS TENTÁCULOS DO CAPITAL E OS SENTIDOS DA CIDADE: URBANIZAÇÃO, TRABALHO E FUTEBOL NA CIDADE DE SANTOS (1892 – 1920)

André Luiz Rodrigues Carreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260814>

**CAPÍTULO 15..... 176**

ENSINO DE HISTÓRIA E EMANCIPAÇÃO HUMANA: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A ESCOLA PÚBLICA CONTEMPORÂNEA

João Carlos da Silva  
Elisângela Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260815>

**CAPÍTULO 16..... 189**

A FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA NOS PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS DE ESCOLAS TÉCNICAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DA CLASSE TRABALHADORA

Cláudia Maria Bernava Aguillar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260816>

**CAPÍTULO 17..... 203**

PRÁTICA DOCENTE: O BLOG COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA ENSINAR HISTÓRIA DA ÁFRICA

Suellen de Souza Lemonje

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260817>

**CAPÍTULO 18..... 216**

MONTESQUIEU, BENJAMIN CONSTANT, TOCQUEVILLE E ALGUNS PROBLEMAS DO MUNDO MODERNO

Marco Antonio Barroso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260818>

**CAPÍTULO 19..... 227**

FAUNA E FLORA FANTÁSTICA NA FRANÇA ANTÁRTICA (1555-1560)

Felipe Santos Deveza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260819>

**CAPÍTULO 20..... 250**

ESPAÇO E LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES LITERÁRIAS DE GERMINAL NO ESTUDO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL

Rodrigo Janoni Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260820>

**CAPÍTULO 21..... 259**

AS CÂMARAS MUNICIPAIS DA CAPITANIA DE MATO GROSSO: ETIQUETA, HONRA E PRESTÍGIO

Gilian Evaristo França Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260821>

<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>272</b>
O NEGRO NO LIVRO “HISTÓRIA DO PARÁ”, DE BENEDICTO MONTEIRO (2006) Amanda Martins Olegário  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260822">https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260822</a>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>281</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>282</b>

## O ESPORTE E AS NARRATIVAS SOBRE A NAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS ESPORTIVAS DE JUCA KFOURI

Data de aceite: 24/08/2021

Data de submissão: 06/07/2021

### Euclides de Freitas Couto

Universidade Federal de São João del-Rei  
(UFSJ)  
São João del-Rei, Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/5671551351862535>

### Alan Castellano Valente

Universidade do Estado de Minas Gerais  
(UEMG)  
Belo Horizonte, Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/8935300019735652>

### SPORT AND NARRATIVES ABOUT THE NATION: AN ANALYSIS OF JUCA KFOURI'S SPORTS CHRONICLES

**ABSTRACT:** This text deals with the ambivalence in Juca Kfourí's sport articles, published in *Folha de S. Paulo*, in periods of media coverage of large sport events held in Brazil in 2014 (FIFA World Cup) and 2016 (the Olympic Games). We try to demonstrate that the point of view of the author moves between the assimilation of Gilberto Freyre's miscegenation in the 1930s to an engaged journalism perspective.

**KEYWORDS:** Sports articles. Nationalism. Juca Kfourí. Ambivalence.

Pesquisa financiada com recursos da FAPEMIG.

**RESUMO:** Este texto trata da ambivalência presente nas crônicas de autoria de Juca Kfourí, publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, nos períodos de cobertura jornalística dos megaeventos esportivos realizados no Brasil nos anos de 2014 (Copa do Mundo – FIFA) e 2016 (Jogos Olímpicos). Tentamos demonstrar, por meio da análise do conjunto das publicações, que a perspectiva analítica do autor transita entre os pressupostos da mestiçagem difundidos por Gilberto Freyre na década de 1930 e do jornalismo engajado das esquerdas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica esportiva; nacionalismo; Juca Kfourí; ambivalência.

[...] O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.<sup>1</sup>

1 FREYRE. *Foot-ball* mulato.

Publicada por Gilberto Freyre após a vitória da seleção brasileira de futebol sobre a Checoslováquia, em partida válida pela Copa do Mundo de 1938, “*Foot-ball* mulato” se tornou, na crônica esportiva, um dos ícones do mito da brasilidade. Embora o texto esteja contaminado pela euforia do autor no momento, já que foi redigido após uma vitória dramática no tempo de prorrogação sobre um adversário fortíssimo, suas linhas revelam, com detalhismo, a construção da “dialética da malandragem” que se incorporava ao estilo de jogo brasileiro. Nessa formulação, de fundo essencialista, a articulação dos traços prototípicos do herói macunaímico à perícia corporal do mulato confere ao mestiço brasileiro poderes capazes de subverter a estética do jogo inventado pelos ingleses, tornando-o mais belo e adaptado aos trópicos. Munidos de um repertório infundável de dribles e improvisações, os brasileiros estariam prontos para parear forças com o jogo frio e calculista dos europeus.

Ademais, o que está latente nessas linhas é o projeto de nação a favor do qual o autor militava: a superação das mazelas históricas (o passado escravocrata e a conseqüente formação de uma raça “inferior”), conduzidas pelas forças sobrenaturais e telúricas da miscigenação. A virada cultural arquitetada por Freyre dependia dos intelectuais daquela geração: uma vez que os interesses ideológicos dos homens das letras iam ao encontro da política estado-novista, estava aberto o caminho para a aproximação entre a intelectualidade e o povo. A linguagem acessível da música, da dança e do futebol fornecia o arsenal simbólico para que a sociedade compartilhasse tradições, ritos e emoções, canalizando-as em direção ao projeto de nacionalidade que se erguia.

Por mais hiperbólicas que fossem as formulações freyreanas, elas ganharam eco entre cronistas e jornalistas e, simultaneamente ao desenvolvimento do rádio esportivo e do alargamento social do campo futebolístico ao longo da segunda metade do século 20, se enraizaram profundamente no imaginário social, assumindo formas discursivas simplificadas, conhecidas como “freyrismo popular”. A internalização do mito nacional pelas pessoas comuns se deve, essencialmente, ao fato de que seu corpo discursivo ocupa o terreno das sensibilidades afetivas pessoais. Nesse caso, a tradição só se reproduz se os anseios individuais coincidirem com os interesses públicos.<sup>2</sup> Em sintonia direta com uma suposta *hexis* corporal do brasileiro, a exaltação de um estilo singular de jogar futebol, formulada nos anos de 1930, parece ter encontrado no terreno do lúdico as condições necessárias para cimentar as bases da solidariedade coletiva, tão rarefeita desde os tempos da independência.

No horizonte da hipótese levantada por Antônio Jorge Soares de que “tais reproduções representam, em certo sentido, a continuidade da tradição freyreana na interpretação da cultura”,<sup>3</sup> no percurso deste texto buscaremos demonstrar o alcance e os limites desta interpretação. Movendo-nos no espaço simbólico em que se constitui a

<sup>2</sup> Sobre essa teoria, cf. SOUZA. A construção do mito da brasilidade, p. 34.

<sup>3</sup> SOARES. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre, p.146.

relação de homologia entre os campos do futebol e da cultura política,<sup>4</sup> visamos ampliar o debate sobre o conteúdo das crônicas esportivas contemporâneas. O objetivo é demonstrar a ambivalência presente no corpo discursivo desses textos, tomando como foco aqueles publicados pelo jornalista Juca Kfourri.

Aqui, tratamos a crônica esportiva como um gênero híbrido, ou seja, que poderia transformar fatos em ficção ou mesmo o contrário – utilizar personagens fictícios para compor uma narrativa que tem como referência o cotidiano do público a que ela se destina –, sem deixar de lado a perspectiva do tempo, afinal, a palavra crônica é derivada do latim *chronica* e do grego *khronos* (tempo). No caso das crônicas analisadas, é possível perceber o tom opinativo do autor, com viés de ironia e bom humor, o que nos leva mais uma vez ao caráter híbrido do gênero: nem tanto jornalismo argumentativo e opinativo, nem tanto literatura, mas de tudo um pouco. O texto de Juca Kfourri enquadra-se nesse hibridismo, como bem definiu uma vez o maior de nossos cronistas, Rubem Braga, quando inquirido a definir o gênero: “Quando não é aguda, é crônica.” Dos textos de Kfourri trataremos do seu lado agudo tanto quanto do crônico, bem como de suas recaídas freyreanas.

Assim, observamos com atenção os discursos sobre a nação que abarcam o estilo de jogo brasileiro, as características psicológicas e as habilidades esportivas dos futebolistas, mobilizados recorrentemente pelo cronista em foco aqui e por outros em tempos de megaeventos esportivos. Isso nos ofereceu um rico material para compreender as estratégias discursivas pelas quais o mito nacional é reavivado pela crônica esportiva e apropriado pela sociedade, visto que esse mito fornece ao imaginário social o repertório simbólico que abastece as dramatizações do sentimento nacionalista.

Para atender aos propósitos dessa tarefa, o *corpus* documental cotejado agrupou crônicas veiculadas no jornal *Folha de S. Paulo* nos períodos de disputa da Copa do Mundo da FIFA de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, quando, inevitavelmente, o tema da identidade nacional assumiu destaque na crônica esportiva brasileira. A seleção dos textos de Juca Kfourri decorreu da sua popularidade e do seu *status* alçados no campo jornalístico. Embora sua produção escrita esteja diluída em diversos espaços midiáticos, os textos veiculados na *Folha S. Paulo* possuem a regularidade e o enquadramento no formato jornalístico necessários à sua avaliação nesse campo.

## ENTRE UM VIRA-LATA E OUTRO, O SHOW TEM DE CONTINUAR...

Como já anunciado, presenciamos, desde os tempos do Estado Novo, uma conjugação de esforços empreendidos pelo Estado, por intelectuais, radialistas esportivos e jornalistas que visava integrar o *futebol espetáculo* ao sentimento de nacionalidade, que se formulava a partir dos pressupostos da *mestiçagem*. Difundido nas obras de Gilberto

4 Cf. DAMO. O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas por reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro, p.30.

Freyre, especialmente em *Casa-grande & Senzala*, o mito nacional, ancorado no discurso da mestiçagem, ganhou coro entre os jornalistas da época. Nas crônicas assinadas por Mário Filho, percebemos, explicitamente, a sintonia dos seus argumentos com o pensamento de Gilberto Freyre, com quem, a propósito, mantinha uma relação de amizade. Na obra de Mário Filho, os componentes da mestiçagem abasteciam os textos veiculados em jornais ao longo das décadas de 1920/30 e, posteriormente, sua obra-prima: *O negro no futebol brasileiro*, publicada pela primeira vez em 1947, e que seria reeditada em versão ampliada, em 1964. Atualmente, sua produção é objeto de intenso debate intelectual: nota-se, de forma genérica, que as críticas, formuladas por historiadores, são direcionadas à constatação de que sua obra superdimensiona os atributos da racialidade, destinando ao futebol a função de equilibrar as tensões sociorraciais no Brasil. Ao constatarem o caráter instrumental da sua produção literária, que estaria diretamente associada às diretrizes da política cultural varguista, a maioria dos seus críticos o considera um dos “intelectuais orgânicos” do Estado Novo. No outro polo, entre os intelectuais vinculados à tradição culturalista,<sup>5</sup> a obra de Mário Filho é situada na vanguarda da literatura esportiva brasileira, pois, além de representar a renovação estética e conceitual da crônica futebolística, seus textos – abastecidos por relatos orais, tornaram-se paradigmáticos para a apreensão da história do futebol brasileiro – ao incorporar elementos ficcionais a essa realidade.

Nesse universo dialógico e conflitante do qual emergiu a crônica esportiva brasileira, o “mito fundador” da tradição freyreana, explorado exaustivamente pelos estudiosos, encontra-se reproduzido nas obras de Mário Filho, de seu irmão Nelson Rodrigues, nas crônicas de José Lins do Rego como também em alguns dos poucos textos futebolísticos assinados pelo próprio Gilberto Freyre.

Conforme demonstrado alhures,<sup>6</sup> a crônica esportiva especializada, como também aqueles intelectuais que esporadicamente são convidados a escrever nas páginas esportivas, cada qual à sua maneira, se apropriam do arsenal simbólico freyreano, transformando os períodos que cercam as Copas do Mundo em momentos de plena exaltação nacionalista.<sup>7</sup> As narrativas produzidas pela grande imprensa, especialmente aquelas publicadas nos períodos dos megaeventos esportivos, constituem, atualmente, importante manancial de fontes históricas, visto que promovem a exaltação da nacionalidade, tomando como pano de fundo a *performance* esportiva, o cenário político nacional e eventos circunstanciais que, no Brasil, de modo particular, estimulam as releituras freyreanas sobre a nação.<sup>8</sup>

Com efeito, essas constatações são amplamente potencializadas quando nos

5 Entre eles podemos citar: LOPES. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro; SILVA. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno* de Mário Filho.

6 COUTO. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*.

7 A exceção a essa regra ocorreu nas décadas 1960 e 1970, quando intelectuais filiados à tradição marxista elegeram o futebol espetáculo como um dos instrumentos de alienação das massas, uma vez que seu capital simbólico estaria a serviço dos grupos hegemônicos. Publicadas em jornais alternativos, essas críticas constituíram-se em um contraponto à interpretação culturalista (COUTO. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*, p. 118).

8 DAMATTA. *Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro*.

deparamos com a cobertura jornalística da Copa do Mundo FIFA de 2014, considerada pelo historiador Flávio de Campos “a Copa da política em um país do futebol”.<sup>9</sup> Um ano antes do início do mundial, às vésperas da Copa das Confederações, o evento teste realizado no país-sede da Copa do Mundo, as ruas brasileiras foram tomadas por manifestações expressivas que, embora tenham sido desencadeadas pelo aumento das tarifas do transporte público em algumas capitais, foram engrossadas por uma pauta extensa e difusa de demandas sociais represadas que, notadamente, se valeram da exposição midiática do megaevento esportivo para exteriorizar os descontentamentos com os governantes e, especialmente, com o modelo de gestão de recursos públicos em voga no país. Munidos de *slogans* como “Copa para quem?”, “Queremos saúde / educação / segurança padrão FIFA”, os manifestantes, oriundos de diversos segmentos sociais, colocaram em xeque a agenda de prioridades do governo diante dos excessivos gastos com a realização da Copa do Mundo, um evento promovido por uma entidade com fins lucrativos, mas que demanda investimentos públicos.<sup>10</sup>

Em meio às vaias direcionadas à presidenta do país no jogo de abertura da competição e ao clima de polarização que contagiou a cobertura midiática do megaevento esportivo, notadamente, a grande imprensa se posicionou de forma ambígua: ora ressaltando o discurso falacioso do “legado” da Copa do Mundo para o futuro do país, ora criticando o atraso no cronograma, a precariedade e o superfaturamento das obras de infraestrutura destinadas à realização da competição.<sup>11</sup>

O clima de ceticismo e revolta relacionado ao gasto de recursos públicos com a Copa de 2014, materializado nas manifestações de junho de 2013, foi claramente canalizado pela grande imprensa brasileira no sentido de desgastar a imagem do Governo Federal, enquanto buscava-se salvaguardar o interesse popular pelo evento esportivo, cujo sucesso estaria relacionado aos propósitos econômicos de diversos agentes, especialmente aos das próprias empresas de comunicação.

Dessa forma, a Copa de 2014 marcou também o entrelaçamento das agendas política e esportiva cujos desdobramentos levaram a grande imprensa a emitir posicionamentos dúbios; os cronistas parecem ter assimilado o agenciamento que envolveu os megaeventos e seus *players*. O melhor exemplo dessa ambivalência presente na crônica esportiva contemporânea pode ser aferido nos textos do jornalista Juca Kfourir. Conhecido por sua militância à esquerda, desde a época em que era ativista político na Aliança Libertadora Nacional (ALN), nos tempos de luta contra a ditadura militar, é considerado um dos mais eficientes e reconhecidos intérpretes do jornalismo investigativo e esportivo.<sup>12</sup> Sua produção jornalística iniciada há mais de 40 anos é amplamente reconhecida pela seriedade e pela

---

9 CAMPOS. *A Copa da política em um país do futebol*.

10 Uma análise acurada sobre o entrelaçamento dos interesses entre a FIFA e os governos dos países-sede das Copas do Mundo foi realizada por Arlei Damo, em “O desejo, o direito e o dever: a trama que trouxe a Copa ao Brasil”.

11 Cf. MARTÍ. Opinião: na festa de abertura da Copa, prevalece sensação de obra inacabada.

12 Cf. ALENCAR. *Juca Kfourir: o militante da notícia*.

qualidade, visto que suas crônicas revelam acuidade crítica sobre as diferentes dimensões que envolvem o futebol. Além de sua vasta experiência em programas televisivos, atualmente Kfoury é um jornalista multimídia: é colunista da *Folha de S. Paulo*, na qual publica duas vezes por semana, mantém um *blog* e ainda possui um programa na rádio CBN. Nos últimos anos, Kfoury vem colecionando uma série de reportagens investigativas que, em sua maioria, denunciam esquemas de corrupção envolvendo dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Em decorrência da sua trajetória de luta contra os grupos hegemônicos que comandam as estruturas de poder e também o futebol no país, nota-se que, em muitos momentos, o jornalista se vê em posição desconfortável para publicar suas análises, uma vez que elas podem levantar suspeição sobre a legitimidade das competições, das arbitragens e até ferir a idoneidade dos futebolistas, como ocorreu no episódio da “máfia da loteria esportiva”.<sup>13</sup>

Se considerarmos os fundamentos do raciocínio praxiológico desenvolvidos por Pierre Bourdieu,<sup>14</sup> é possível conjecturar que a deslegitimação do campo futebolístico na sociedade levaria à ruína todos os agentes que o conformam, inclusive a própria imprensa esportiva. A manutenção econômica do futebol espetáculo, depende, entre outros aspectos, do engajamento incondicional dos clubes, dos atletas e, sobretudo, da credibilidade das instâncias administrativas e da participação das empresas de comunicação. Assim, no universo das crônicas, Kfoury é também um agente ambivalente, que milita e que possui, portanto, compromissos tácitos nas disputas simbólicas com os demais agentes. Embora ele seja considerado voz dissonante na imprensa esportiva, sua luta por reconhecimento e por credibilidade no interior do campo jornalístico, necessariamente, interfere na sua produção escrita, cujo teor, circunstancialmente, é direcionado pela agenda midiática.

Durante a Copa do Mundo de 2014, entre os meses de maio e agosto, foram publicadas por Kfoury, na versão *on-line* da *Folha*, um total de 98 crônicas, das quais 50 abordavam temáticas relacionadas à seleção brasileira. Entre os temas mais recorrentes, estão as críticas direcionadas à CBF, ao desempenho técnico dos jogadores, ao sistema tático adotado pelo treinador e às possíveis causas para o fracasso da seleção no mundial. Nada muito diferente dos outros cronistas de plantão, que primavam por resguardar a imprensa dos fracassos do nosso futebol, atribuindo os problemas da seleção a instâncias particulares e conjunturais: falta de treino, falta de tempo para assimilação da “filosofia” dos treinadores, calendários muito apertados etc. O circo midiático tentaria a todo custo reforçar a identidade desgastada da brasilidade futebolística. No entanto, ao se observar a cronologia das publicações, nota-se que, com a aproximação do início da competição, o tom crítico que preponderava nas argumentações do mês de maio deu lugar à inclusão de

---

<sup>13</sup> *Idem*.

<sup>14</sup> Sobre a análise praxiológica da realidade social e a formulação do conceito de campo, cf. BOURDIEU. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*.

temas como a dimensão técnica e aos apelos nacionalistas. Nesse sentido, é emblemática a crônica “Torcer ou não torcer”, publicada no dia 5 de junho de 2014, uma semana antes do início da competição.

Imagino que já tenha contado aqui o que contarei de novo. Corria o ano de chumbo de 1970 e a seleção brasileira enfrentaria a romena pela Copa do México, em Guadalajara, à noite no horário daqui. Eu cursava ciências sociais na USP e dois dias antes do jogo o professor de Sociologia, inigualável mestre Gabriel Cohn, marcou uma prova que coincidiria com o jogo. Levantei o braço e reclamei, com todo respeito. A classe inteira me vaiou. Democrático, o professor criticou a vaia e levou a decisão de adiar o teste a voto. Naquela noite me dei conta que minha classe tinha 21 alunos: foi 20 a 1 pela manutenção da sabatina. [...] O final da história todos sabem: a seleção ganhou o tri, trouxe a Jules Rimet definitivamente para o Brasil e a História registra que os heróis da conquista foram Pelé, Tostão, Gerson, Rivellino, Jairzinho e não o general de plantão, Garrastazu Médici, o da tortura. Doze anos mais tarde, com o país no caminho da redemocratização, num reencontro com o mestre, ouvi dele a frase que mais gosto de repetir: Não acredito em sociólogo no Brasil que não tenha as calças puídas pelas arquibancadas. Lá atrás, como agora, politizar a torcida na Copa do Mundo, mais que bobagem, é inútil. Porque no primeiro gol brasileiro a emoção suplantar a qualquer cálculo, como então. Ainda bem.<sup>15</sup>

Ao rememorar seus tempos de estudante, Kfourri recorre a uma situação-limite, ocorrida às vésperas de um jogo da Copa de 1970. Naquela época, entre os militantes de esquerda – maioria absoluta entre seus colegas do Curso de Ciências Sociais da USP – a seleção de Pelé e companhia era vinculada aos símbolos do poder ditatorial. Assim, entre o conjunto de códigos do repertório simbólico da “juventude engajada”, o ato de torcer para a seleção representaria, no mínimo, um ato de alienação. A despeito do seu engajamento político, a batalha travada com os colegas para assistir ao jogo do escrete brasileiro representaria seu amor incondicional às cores nacionais encarnadas pela seleção. Na estrutura latente da crônica, a percepção daqueles que, assim como ele, indignaram-se contra a corrupção da CBF e opuseram-se à realização da Copa no Brasil, deveria superar a frieza do mundo empírico e, como num ritual agonístico e mimético, em que a fidelidade coletiva à nação supera a racionalidade das ideologias, o povo deveria apoiar seus onze representantes.

No entanto, o furor nacionalista rapidamente perdeu fôlego: após o fatídico jogo da semifinal da Copa, quando a seleção brasileira foi goleada por 7 a 1 pelos alemães, os apelos ufanistas se esmoreceram completamente, cedendo lugar às costumeiras críticas à CBF, regadas com muita ironia:

Alois Alzheimer era alemão, como Müller, Klose, Kroos, Khedira e Schürrle. Não era jogador de futebol como os autores dos sete gols alemães na semifinal da Copa do Mundo no Brasil. Era psiquiatra e descobridor da terrível doença neurodegenerativa, causadora do apagão (lembra de já ter ouvido o termo recentemente?) da memória. A doença tem o nome de quem a identificou pela

---

15 KFOURI. Torcer ou não torcer.

primeira vez e a cartolagem da CBF adoraria vê-la contaminar o Brasil para o país esquecer a goleada. Até convocar Dunga a pretensa esperteza da dupla *Marin\$Nero* convocou, certa de despertar rejeição e eventuais escândalos para sair de cena de fininho. Pois não sairá. Se Marin foi praticamente invisível durante a Copa, apesar de trajar chamativa gravata amarela – imitação de Paulo Machado de Carvalho e sua gravata marrom do bicampeonato mundial –, nem por isso assim permanecerá no pós-Copa. Nem ele nem Nero. A goleada germânica impediu a criação de nova história sobre gravatas e superstições e permitiu apontar os responsáveis pela humilhação. Marin prometeu ir ao inferno em caso de derrota e não cumpriu. Cumprirá a nós, sobreviventes e testemunhas da catástrofe, lembrar sempre dele e de seu parceiro Nero – este, não satisfeito em reduzir o futebol do interior paulista a cinzas vai em busca de botar fogo também no futebol brasileiro.<sup>16</sup>

O humor político, traço marcante da crônica kfouriana, caracteriza-se, entre outros aspectos, pela ironia, ridicularização e zombaria, estratégias que visam, simultaneamente, denunciar os desmandos e as fraudes, como também deteriorar a imagem pública dos poderosos. Observe-se o sinal do cifrão entre os nomes dos dirigentes. Isso nos leva a entender que a dupla citada é pautada somente por interesses econômicos, diferentemente dos interesses da nação verde-amarela, que vislumbrava mais uma Copa de glórias. Em função do fracasso do futebol brasileiro em 2014, a dupla José Maria Marin e Marco Polo del Nero, respectivamente, presidente e vice da CBF, sofreu reiteradas críticas por grande parcela da mídia nacional. Kfour, por sua vez, que havia formulado as primeiras denúncias sobre a conduta de Marin, em 2012, quando ele assumiu o cargo de Ricardo Teixeira na presidência da entidade, ao longo de 2014, não poupou esforços no sentido de publicizar as falcatruas e a corrupção que permeavam os bastidores da cena futebolística brasileira.

Nesse contexto, o período de “trégua” à CBF, demarcado nas crônicas kfourianas publicadas nos dias em que se realizaram os jogos da Copa do Mundo, evidencia que, contraditoriamente, o maior evento do futebol mundial organizado pela CBF, alvo de interesses políticos e econômicos da mídia brasileira, deveria ser preservado em nome do clima de confraternização e do apelo à esportividade que o evento alentava.

Em 2016, quando se realizaram os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, as turbulências no cenário político que levaram à polarização da sociedade também afetaram a cobertura midiática do megaevento. Genericamente, ao contrário do que havia ocorrido há dois anos, a grande mídia procurou supervalorizar as obras de infraestrutura e o trabalho de organização dos jogos. Em decorrência do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, conduzido por um golpe arquitetado nos bastidores políticos, com o apoio dos principais veículos de comunicação, grupos progressistas passaram a ocupar os estádios de futebol com faixas de protesto endereçadas ao presidente interino Michel Temer, como também à Rede Globo de Televisão, considerada por eles como um dos veículos responsáveis pela legitimação do golpe.

No bojo desses acontecimentos, entre os meses de julho e agosto de 2016, Juca

<sup>16</sup> KFOURI. Ei, Marin, e os 7 a 1?, grifo nosso.

Kfouri publicou em sua coluna da *Folha de S. Paulo* um total de 27 crônicas, que abordaram assuntos relacionados aos jogos do Campeonato Brasileiro, Taça Libertadores da América, até mesmo sobre as tensões políticas redimensionadas no campo esportivo.<sup>17</sup> Além de a análise comparativa dos dados extraídos da Copa de 2014 revelar a superioridade do apelo midiático que possui o evento FIFA, a seleção temática feita pelo autor evidencia a centralidade que o futebol assume em suas narrativas: das dezenove crônicas que contemplaram os temas olímpicos, apenas sete delas não abordaram o futebol. Nesses textos, a interpretação do futebol em tempos olímpicos pode ser uma pista de como esse esporte, como nenhum outro, assume a função de metaforizar a alma brasileira, como é possível constatar em “As seleções masculina e feminina precisam acreditar em si”:

Reproduzo aqui o texto de Nelson Rodrigues em que ele cita pela primeira vez o complexo de vira-latas [...]: “A pura, a santa verdade é a seguinte: qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de ‘complexo de vira-latas’. [...] Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos ‘os maiores’ é uma cínica inverdade [...] Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários [...] Pois bem: e perdemos da maneira mais abjeta. [...]” Só falta alguém aplaudir a imbecilidade dita agora pelo ministro interino do Esporte, Leonardo Picciani, ao declarar que festa é local impróprio para um jovem nadador americano, já de folga, frequentar.<sup>18</sup>

Publicada às vésperas das partidas válidas pelas semifinais do torneio olímpico de futebol, a crônica sintetiza, como poucas peças, a forma pela qual o mito da brasilidade assume contornos estruturais na narrativa kfouriana, como que por atavismo do modelo institucionalizado por Gilberto Freyre ainda nos anos de 1930. Impulsionado por finalidades explicitamente didáticas, a recuperação do texto clássico de Nelson Rodrigues retoma o texto de Freyre em uma estratégia que viabiliza a “presentificação do passado”. Assimilam-se na memória coletiva os ingredientes que, supostamente no presente, encorajarão os atletas a lutarem pela nação. Assim como se verifica na crônica de Nelson Rodrigues, o caldo cultural freyreano imputa aos jogadores, agora também às jogadoras, a responsabilidade por dirimir, nos campos de futebol, os dilemas brasileiros. Desprezando todos os parâmetros da historicidade do desenvolvimento esportivo, nos quais a *performance* é definida por critérios objetivos, como o desenvolvimento técnico, os padrões táticos e a preparação física, Kfouri, conhecido por sua “fina objetividade”, de forma ambígua, recorre ao arsenal de atributos essencialistas cultivados pela tradição freyreana. Paradoxalmente, nas linhas finais da crônica, ao criticar o ministro interino dos esportes, vale-se do espaço simbólico

<sup>17</sup> Sobre esse aspecto é emblemática a crônica “Esporte desmontado”.

<sup>18</sup> KFOURI. As seleções masculina e feminina precisam acreditar em si.

da crônica esportiva para dar continuidade à sua luta diária contra os grupos hegemônicos que assumiram o poder.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] Quase o velho “rouba, mas faz” de sempre, mais aceito pela nossa elite do que o “rouba, mas distribui” do PT. É óbvio que do ponto de vista esportivo a Rio-16 foi muito melhor que a Copa, porque, ao invés do 7 a 1, vieram as medalhas de ouro nos dois últimos dias do futebol e do vôlei, fecho emocionalmente brilhante para o ânimo do torcedor. [...] <sup>19</sup>

Na obra *La gestion des passions politiques*, o sociólogo francês Pierre Ansart observa que, no âmbito das emoções políticas, “[a] gama de nuances emocionais é tão rica e complexa que qualquer classificação é simplista”.<sup>20</sup> Com efeito, estabelecer aqui rotulações para a crônica kfouriana seria um mero exercício de tautologia, visto que a escolha das temáticas e, por extensão, das estratégias discursivas, é direcionada pela simbiose entre dois tipos de engajamento: o político e o emocional. Ademais, os esforços empregados pelo autor em prol da simplificação das análises sobre o estilo de jogo brasileiro nos sugere que, em situações limite, seu engajamento afetivo de torcedor se sobrepõe ao papel de jornalista crítico. Encorajado pelo “salvo conduto” de “torcedor apaixonado”, o discurso nacionalista kfouriano, embora sempre acomodado em uma roupagem crítica, assume feições conservadoras, uma vez que recorre à constelação de pressupostos essencialistas depositários da tradição freyreana.

Nessa direção, ao listarmos algumas *marcas interpretativas* presentes na cronologia das suas crônicas percebemos que, diante da proximidade das grandes competições esportivas, seu discurso vai perdendo o tônus crítico e adquirindo os contornos do freyrismo popular, prática discursiva hegemônica que ganhou corpo na grande imprensa. Contraditoriamente, ao se desprezar a dimensão afetiva das suas crônicas, Kfourie é considerado um dos mais destemidos e mais respeitados jornalistas investigativos.<sup>21</sup> Ao negligenciar a dimensão conservadora do seu pensamento, e superdimensionar o teor crítico dos seus textos denunciativos, as forças homólogas que se concentram entre o campo esportivo e jornalístico produzem os códigos de reconhecimento social do jornalista, pelos quais a ambivalência do seu pensamento passa sorrateiramente despercebida na opinião pública.

19 KFOURI. Como após Copa, Brasil se autoengana com o sucesso da Olimpíada. (Publicada quatro dias após o encerramento dos Jogos Olímpicos de 2016.)

20 “La gamme de ces nuances affectives est si riche et si complexe que toute classification est simplificatrice” (ANSART. *La gestion des passions politiques*, p.14, tradução nossa).

21 Consultar, a exemplo, a crônica “Não desiste” com a qual Tostão prefacia a obra *Por que não desisto: futebol, dinheiro e política*, de Kfourie.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Carlos. *Juca Kfourir: o militante da notícia*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

ANSART, Pierre. *La gestion des passions politiques*. Lausanne: Éditions L'Âge d'Homme, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2007.

CAMPOS, Flávio de. A Copa da política em um país do futebol. In: MARQUES, José Carlos (Org.). *A Copa das Copas? Reflexões sobre o mundial de futebol de 2014 no Brasil*. São Paulo: Edições Ludens, 2015. Livro digital.

COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. O desejo, o direito e o dever: a trama que trouxe a Copa ao Brasil. *Movimento*, Porto Alegre, ESEFID/UFRGS, v. 18, n. 2, p. 41-81, abr.-jun. 2012.

DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas por reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol: objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

FREYRE, Gilberto. *Foot-ball mulato. Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jun. 1938. Não paginado.

KFOURI, Juca. As seleções masculina e feminina precisam acreditar em si. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 ago. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourir/2016/08/1803364-as-selecoes-masculina-e-feminina-precisam-acreditar-em-si.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

KFOURI, Juca. Como após Copa, Brasil se autoengana com o sucesso da Olimpíada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 ago. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourir/2016/08/1806660-como-apos-copa-brasil-se-autoengana-com-o-sucesso-da-olimpiada.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

KFOURI, Juca. Ei, Marin, e os 7 a 1? *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 jun. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourir/2014/07/1493585-ei-marin-e-o-7-a-1.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

KFOURI, Juca. Esporte desmontado. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 maio 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourir/2016/05/1772744-esporte-desmontado.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

KFOURI, Juca. Torcer ou não torcer. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 jun. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourir/2014/06/1465265-torcer-ou-nao-torcer.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, USP, n.22, p.65-83, jun.-ago. 1994. Dossiê futebol.

MARTÍ, Silas. Opinião: na festa de abertura da Copa, prevalece sensação de obra inacabada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 jun. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1469325-opinio-na-festa-de-abertura-da-copa-prevalece-sensacao-de-obra-inacabada.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

SILVA, Marcelino Rodrigues. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SOARES, Antônio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

SOUZA, Jessé. A construção do mito da brasilidade. In: \_\_\_\_\_. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

TOSTÃO. Não desiste. In: KFOURI, Juca. *Por que não desisto: futebol, dinheiro e política*. Barueri, SP: Disal, 2009.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Amazonas 1, 5, 8, 12, 13, 134, 135, 138, 139, 140, 142, 146, 147, 148, 242

Ambivalência 64, 66, 68, 73

América Latina 11, 75, 95, 149, 150, 152, 153, 156, 157, 248

### B

Boi-bumbá 1, 2, 4, 7, 8, 9

Brumadinho 37, 38, 39, 40, 43, 45, 46, 48, 50

### C

Campo de concentração 100

Cidade 1, 7, 12, 14, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 89, 90, 91, 96, 97, 99, 105, 108, 109, 111, 115, 122, 123, 125, 126, 127, 129, 132, 144, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 172, 173, 174, 175, 219, 228, 234, 252, 258, 272, 274

Clero 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 261, 265, 266, 267

Cobertura 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 68, 71, 101, 106

Coletivos 32, 34, 87, 88, 89, 90, 92, 96, 97, 98, 99, 142

Corinthians 87, 88, 90, 91, 94, 95

Correio Paulistano 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106

Crescimento populacional 23, 24, 170

Crônica esportiva 64, 65, 66, 67, 68, 73

### D

Desenvolvimento rural 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157

Designação eletiva 14

### E

Educação 1, 14, 20, 37, 39, 45, 48, 49, 68, 82, 92, 99, 103, 107, 108, 110, 111, 112, 114, 116, 117, 118, 149, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 205, 213, 214, 277, 278, 279, 280

Educação patrimonial 39, 107, 108, 110, 111, 112, 114, 116, 117

Emancipação humana 176, 178, 181, 183, 184, 198

Ensino de história 131, 176, 177, 178, 182, 187, 188, 203, 206, 207, 208, 209, 214, 280

Escola pública 176, 178, 183, 186, 187

Escolas práticas de agricultura 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106

Espacio-tiempo 51

## **F**

Facebook 87, 88, 91, 93

FAO 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157

Fundação Palmares 76, 77, 78, 80, 81, 83, 85, 86

Futebol 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 87, 88, 89, 90, 91, 98, 99, 148, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175

## **G**

Geoprocementario 51, 53, 61, 62

Governo Federal 68, 76, 103, 164, 205, 207

## **H**

História oral 134

## **I**

Identidade 2, 8, 40, 42, 43, 44, 47, 48, 50, 66, 69, 80, 89, 97, 98, 110, 111, 112, 120, 121, 132, 134, 137, 142, 147, 175, 185, 197, 204, 247, 258, 260, 278, 279

Inhotim 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

Instituições 24, 76, 82, 84, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 130, 151, 153, 176, 182, 189, 192, 195, 197, 198, 199, 208, 216, 218, 219, 220, 222, 223, 276

## **J**

Juca Kfourri 64, 66, 68, 71, 74

## **M**

Memória 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 70, 72, 90, 91, 107, 108, 109, 110, 118, 120, 121, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 143, 146, 147, 148, 173, 175, 178, 213, 266, 269, 278, 280

Museu 37, 41, 107, 108, 109, 110, 112, 114, 115, 117

## **N**

Nacionalismo 64

## **P**

Parede 37, 38, 39, 40, 41, 47, 50

Patrimônio cultural 39, 45, 46, 48, 49, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 118, 120, 121, 122, 123, 127, 128, 130, 131, 132

Política 6, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 26, 28, 29, 30, 33, 36, 47, 64, 65, 66, 67, 68, 73, 74, 75, 80, 85, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 106, 120, 122, 123, 124, 128, 130, 131, 132, 136, 137, 141, 142, 157, 162, 165, 179, 184, 185, 191, 192, 198, 200, 208, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 225, 251, 260, 262, 266, 270, 276, 279, 280

## **Q**

Quilombos 110, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 144, 276, 279

## **R**

Reformas urbanísticas 23

Retrato 36, 37, 38, 41, 42, 254

Rio Andirá 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

## **S**

Segregação social 23, 98, 166

Segunda escravidão 118, 119, 120, 124, 130

SIG 51

## **T**

Teledetección 51

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 23, 24, 25, 27, 28, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 44, 71, 76, 83, 91, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 111, 115, 116, 119, 121, 122, 124, 128, 132, 133, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 155, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 171, 174, 175, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 187, 188, 189, 190, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 213, 215, 216, 217, 218, 224, 235, 238, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 279

## **V**

Vale do Café 118, 121, 122

## **Z**

Zumbi 76, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 276

# Historia:

Espaços,  
poder,  
cultura e  
sociedade



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# Historia:

Espaços,  
poder,  
cultura e  
sociedade



🌐 [www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)  
✉ [contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)  
📷 @arenaeditora  
📘 [www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021